

INTRODUÇÃO PARA A PRIMEIRA TRADUÇÃO DA EDIÇÃO ORIGINAL INGLESA DO *ORGANON*

INTRODUCTION TO THE FIRST TRANSLATION OF THE ORIGINAL ENGLISH EDITION OF *ORGANON*

C. E. WHEELER¹

Palavras-chave:

Organon, Samuel Hahnemann, Primeira Edição.

Keywords:

Organon, Samuel Hahnemann, First Edition.

¹ Médico e homeopata inglês autor do livro *An Introduction to the Principles and Practice of Homeopathy*, que contou com centenas de edições sucessivas.

C. E. Wheeler, M.D. Everyman Library – Science, *Organon of the Rational Art of Healing* (1810), London, J.M.Dent & Sons, 27 de março de 1913.

Versão para o português por Hanna Rosenbaum.

O *ORGANON* de Samuel Hahnemann é um daqueles livros cujo efeito sobre o mundo tem sido, em sua intensidade, desproporcional à extensão em que suas páginas foram lidas. É a fundação sobre a qual a estrutura da Homeopatia foi construída. Suas edições sucessivas (cinco durante a vida de Hahnemann) incorporaram a experiência madura e as crenças confiantes de seu autor, e antiquadas como sua fraseologia soa hoje. Desatualizadas como muitas de suas concepções parecem, não é demais dizer que os princípios da Homeopatia, e até mesmo a arte mais eficaz de aplicar esses princípios, são expressos no *Organon* de uma forma que pode ser facilmente modificada na frase, mas deve permanecer inalterada em essência para qualquer um que deseje testar este método de terapêutica prática. Mas a tempestade de raiva e oposição que se abateu sobre Hahnemann e seu método foi a pior atmosfera para a investigação calma e desapaixonada que ele desejava ansiosamente, mas que ele e seus seguidores ansiaram em vão.

Indivíduos concederam a possibilidade de investigação (assim, de fato, o sistema fez seus convertidos), mas a profissão nunca. Consequentemente, menos de cinco por cento dos praticantes de medicina em qualquer época tiveram até mesmo um conhecimento remoto do *Organon*, com o resultado de que seu efeito indubitável foi exercido indiretamente, e Hahnemann perdeu muita honra que deveria ter sido sua.

A diferença entre a prática médica ortodoxa de hoje e a prática de um século atrás (a primeira edição do *Organon* surgiu em 1810) é gigante. Pasteur e Lister e seus seguidores revolucionaram a cirurgia, mas a terapêutica de medicamentos (a esfera da Homeopatia) também mudou muito, e práticas como sangramento e bolhas, e medidas drásticas dessa ordem quase desapareceram. No entanto, para os contemporâneos de Hahnemann, esses procedimentos drásticos pareciam o único caminho de salvação e, embora fundados nas teorias mais selvagens, que por sua vez eram apoiadas por quase nenhum resquício de evidência ou experimento, eles ainda persistiam com aquela confiança otimista cega que raramente foi encontrada ausente entre os descendentes de Esculápio.

Gradualmente, de 1810 até o presente, o cenário mudou e, embora os médicos ainda lamentem a falta de método demonstrado na administração de medicamentos, e embora muitos dos mais famosos deles expressem um ceticismo quase universal quanto ao valor dos medicamentos, eles pelo menos aprenderam a cautela e os poderes de recuperação que pertencem à Natureza sem ajuda, e raramente hoje eles carregam a balança contra o paciente da maneira autêntica de seus predecessores. A marcha da ciência que é de conhecimento mais exato, ao longo do século, contou muito nessa mudança de atitude, mas a influência da presença constante até mesmo da pequena minoria de crentes na Homeopatia tem sido uma força que não pode ser esquecida.

Enquanto sangramento, salivação, purgação e métodos drásticos de contrairritação eram proclamados com confiança como essenciais para o tratamento de doenças, sempre houve, depois de 1810, um remanescente que recusou esses métodos e demonstrou a todos que queriam ver que os pacientes se recuperavam com mais segurança e rapidez nas mãos daqueles que usavam apenas doses mínimas de remédios simples.

Admitindo que muitas curas atribuídas à Homeopatia podem ter sido realmente devidas a poderes naturais de recuperação trabalhando sem impedimentos, que acusação mais condenatória dos métodos mais antigos poderia ser apresentada? Se for sustentado (como muitos sustentam que admitem a eficácia da Homeopatia) que seu trabalho era puramente demonstrar os poderes de recuperação da Natureza sem impedimentos do médico, essa conquista negativa da Homeopatia ainda seria suficiente para colocar o nome de Hahnemann entre aqueles que beneficiaram a humanidade.

Portanto, como uma obra histórica, o *Organon* pode ser oferecido a todo homem como um livro de grande interesse, um livro cujos efeitos, negativos e positivos, atingiram muitos para quem seu conteúdo era desconhecido e para quem o nome de seu autor foi apenas um sinônimo de teorização maluca e especulação inútil. Mas há outra reivindicação de atenção que pode ser instada em nome do livro, uma reivindicação que será melhor realizada se for abordada por meio de um breve relato de Hahnemann e da natureza de sua obra.

Hahnemann nasceu em Meissen, na Saxônia, no ano de 1755. Seus pais, embora pobres, eram e ele foi capaz, com o passar do tempo, não apenas de se formar, mas também de se tornar um homem erudito. Seu conhecimento de línguas era excepcionalmente extenso, incluindo, além de seu alemão nativo, inglês, francês, italiano, grego, latim, hebraico, árabe e espanhol.

Portanto, em todos os seus estudos volumosos da sabedoria médica do passado, ele foi capaz de consultar cada autor em sua própria língua, mas sua inclinação sempre foi para a ciência e não para a literatura. Ele era profundamente religioso, e a Bíblia deixou sua marca em seu estilo de escrita, mas há poucos ou nenhum vestígio em suas obras da grande política e dos movimentos literários que sincronizaram com segmentos de sua longa vida.

O *Organon* exibe um desejo apaixonado por declarações exatas e claras, um desejo que, de qualquer forma para a mente inglesa, parece às vezes conflitar com as exigências estruturais da língua alemã. De fato, seu desejo por clareza o leva a repetições que terminam em confusão, e o *Organon* dificilmente deve ser recomendado como um modelo de estilo. Mas, em todo o seu conjunto, é pelo menos profissional, claro em pensamento, arduamente meticuloso e cheio de convicção apaixonada, mas, ainda assim,

moderado e argumentativo em toda a sua declaração aparentemente dogmática. Nenhuma pessoa imparcial pode se levantar de sua leitura sem respeito por Hahnemann, e o que é verdade do *Organon* a esse respeito é verdade para todos os outros escritos deste grande médico.

Até o ano de 1790, ou seja, até os trinta e cinco anos, ele trabalhou em sua profissão e em outros ramos da ciência, especialmente na química. Neste último campo, ele foi responsável por muito trabalho admirável, e o testemunho de sua habilidade é fornecido pelo grande Berzelius, que disse sobre ele. “O homem poderia ter sido um grande químico”; testemunho ainda mais valioso, pois Berzelius não tinha nenhuma fração de interesse ou simpatia pelas opiniões médicas de Hahnemann. Como médico, Hahnemann foi reconhecido em 1700 como um dos melhores da Alemanha. Hufeland, o líder da profissão médica alemã na época, falava assim dele e mantinha uma forte consideração por ele e uma opinião elevada acerca de suas habilidades, embora nunca o tenha seguido na Homeopatia, nem mesmo, até onde parece, submetido a qualquer exame prático.

Como médico, Hahnemann fez várias contribuições muito competentes e valiosas para a medicina geral; entre eles pode ser especialmente mencionado seu ensino racional e humano com relação ao tratamento das enfermidades mentais, e suas dicas práticas sobre o gerenciamento de epidemias. Em ambos os assuntos ele estava muito à frente de seus contemporâneos e virtualmente antecipou todos os pontos de vista modernos. Mas, apesar de sua posição que havia alcançado no mundo da medicina, ele permanecia profundamente insatisfeito com a arte médica.

O menor conhecimento do tratamento que era atual e ortodoxo em sua época é suficiente para explicar sua insatisfação, pois práticas perigosas eram então deduzidas de teorias quase infundadas em uma extensão quase inacreditável. Embora a cautela e o bom senso de Hahnemann o tenham protegido das piores armadilhas, ele foi deixado num estado de desamparo por não ter nenhum método alternativo para suprir o lugar de tudo o que sua razão rejeitava.

Em 1790, ele quase se retirou da prática e estava ganhando a vida traduzindo obras médicas. Nessa época, ele estava envolvido numa versão da *Matéria Médica* de Cullen e, insatisfeito com a explicação de Cullen sobre a ação da casca de cinchona no alívio e cura da febre, ele tomou o curso científico e racional de experimento pessoal para testar o assunto.

É desnecessário dizer que o tratamento da febre com cinchona era uma das poucas peças de tratamento realmente satisfatórias na época de Hahnemann e, não sem razão, a especulação era abundante quanto à razão dessa relação curativa definida entre droga e doença.

O experimento de Hahnemann consistiu em ingerir doses maciças da casca de cinchona enquanto estava com boa saúde e observar seu efeito em seu

próprio corpo saudável. Para sua surpresa, ele encontrou reproduzidos em si todos os principais fenômenos (e até mesmo muitos dos sintomas menores) de um paroxismo de febre. Quando o ataque passou, uma segunda dose produziu um segundo paroxismo, e Hahnemann estava atualmente cara a cara com o fato de que esta droga, que tantas vezes curava a febre, era capaz de reproduzir em seu próprio corpo saudável os fenômenos da febre. Semelhante, de fato, curava semelhante.

A casca de chinchona não produz invariavelmente este efeito em pessoas saudáveis, mesmo em grandes doses, mas a verdade geral da observação de Hahnemann, embora às vezes questionada, foi amplamente confirmada; e o Professor Lewin, a grande autoridade alemã em Matéria Médica, que não tem inclinações para a Homeopatia, não apenas cita este experimento de Hahnemann, mas o endossa como ilustrando um resultado genuíno da droga, e o confirma com casos semelhantes.

Sempre há reações individuais a drogas individuais, mas já poderia ser tomado como estabelecido que a casca de chinchona tende, de qualquer forma, a produzir fenômenos semelhantes àqueles que pode curar, embora a extensão da tendência varie em diferentes experimentadores.

Este experimento foi um raio de luz para Hahnemann, pois sugeriu uma possível pista para relações curativas entre medicamentos e casos de doenças, uma pista que ele seguiu avidamente. Aqueles, e não são poucos, que ignoram sua vida e obra e ainda assim o rotulam como um sonhador superficial e maluco ou um autor charlatão tendem a pensar nele como alguém que se lançou ao mundo com um sistema completo de medicina erguido sobre a fundação de um experimento duvidoso.

A VERDADE É MUITO DIFERENTE DISSO

Assim que o experimento da chinchona sugeriu a Hahnemann a possibilidade de que o princípio de semelhante pudesse provar uma Lei de Cura geral, ele começou um estudo sistemático dos registros da medicina na busca por instâncias. Ele logo encontrou números, muitos dos quais foram mencionados em um prefácio do Organon, que é resumido brevemente nesta edição, pois seu interesse é apenas técnico e profissional. Mas, repetidamente Hahnemann descobriu que um medicamento prescrito empiricamente provou ser capaz de curar condições semelhantes àquelas que ele poderia produzir. Os registros da medicina, de fato, deram bastante incentivo à sua crença agora nascente de que *similia similibus* era uma genuína Lei de Cura.

Mas ele não negligenciou o experimento presente enquanto buscasse experiências passadas. Ele retornou à prática médica e, conforme a oportunidade se ofereceu, prescreveu medicamentos para as doen-

ças cujos sintomas eles poderiam falsificar e anotou seus resultados. Tendo interessado alguns amigos em seus experimentos, ele agora começou a estabelecer as bases de seu vasto trabalho sobre a Matéria Médica Pura, sua razão sendo que, para prescrever homeopaticamente, isto é, com base em uma similaridade de sintomas entre medicamento e doença, é necessário ter um conhecimento completo dos sintomas do medicamento.

Tal conhecimento era amplamente procurado porque, apesar do trabalho de alguns experimentadores anteriores como Haller e Stoerck, os efeitos dos medicamentos sobre os saudáveis, além de casos (comparativamente raros) de envenenamento, só podiam ser conhecidos por registros de overdose na doença, registros em que os sintomas do medicamento e os sintomas da doença estavam misturados e confundidos. Para obter conhecimento da ação pura dos medicamentos, “provadores” (experimentadores médicos, que geralmente se voluntariavam) tiveram que ser alistados, pessoas saudáveis e devotadas que tomariam medicamentos em quantidades suficientes para produzir sintomas claros e, ao registrar esses sintomas, começariam a tarefa de construir quadros de sintomas claros de remédios para comparação com os quadros de sintomas de casos de doenças.

Hahnemann e alguns de seus amigos atacaram essa tarefa hercúlea e continuaram ano após ano até que uma massa de conhecimento exato estivesse disponível com relação aos efeitos dos medicamentos, como nunca havia existido antes; conhecimento que continua sendo a parte mais importante da Matéria Médica homeopática, embora um século de experimentos contínuos e experiência clínica tenha acrescentado a ela e esclarecido.

Na pesquisa e no experimento, seis anos se passaram e, em 1796, Hahnemann se sentiu justificado em publicar a primeira declaração de suas crenças. Isso apareceu no *Hufeland's Journal*, o principal periódico médico da época.

No artigo, Hahnemann declarou sua nova teoria e aduziu em seu favor evidências de autores e relatos do passado, bem como os resultados de experimentos. Embora este artigo seja a apresentação de um caso por um homem que acredita nele, não é uma afirmação dogmática, mas sim um apelo para mais experimentos. O apelo foi negado, assim como praticamente todos os apelos da homeopatia para serem testados antes de serem condenados foram negados.

Os primeiros sinais da tempestade de difamação e ódio que era o destino da homeopatia despertar, já eram audíveis, mas Hahnemann retornou aos seus experimentos sem se deixar intimidar. Em 1805, apareceu a primeira coleção de sintomas de drogas, a precursora da Matéria Médica Pura, que apareceu em parcelas entre 1811 e 1827; e em 1806 outro ensaio sobre a teoria geral da homeopatia que formou uma espécie de prefácio ao Organon.

Mais dez anos de experimentos incansáveis se passaram, e Hahnemann pode pelo menos alegar que não se encolheu diante de nenhum esforço para estabelecer a verdade pelos únicos meios conhecidos pela ciência, experimento e observação.

Mas entre 1796 e 1806 apareceram vários ensaios sobre pontos relacionados ao princípio *similia similibus curentur* (“Que semelhantes sejam tratados com semelhantes”), uma lei que, após dezesseis anos de trabalho, ele se sentiu justificado em proclamar. Em 1801, por exemplo, aparece a primeira sugestão daquela prática que, mais do que qualquer outra, está associada na mente de todo homem com a Homeopatia, a prática de administrar medicamentos em doses mínimas e, finalmente, infinitesimais. Embora para muitos essa prática seja a essência da Homeopatia, é, estritamente falando, uma adição não essencial à lei central. A lei de Hahnemann e da Homeopatia governa apenas a escolha do remédio, e quando um medicamento é dado para curar uma doença cujos sintomas ele pode falsificar quando dado a pessoas saudáveis, então, consciente ou inconscientemente, a Homeopatia é praticada, sejam as doses grandes ou pequenas ou infinitesimais.

A Homeopatia inconsciente não é incomum, e exemplos de vez em quando aparecem em jornais ortodoxos. Visto que pela lei homeopática os medicamentos são escolhidos que agem de forma semelhante às doenças, parece razoável usá-los com cautela para que a condição não seja agravada, mas a quantidade precisa necessária para qualquer caso específico é uma questão para o médico decidir a partir de sua própria experiência.

Hahnemann e seus seguidores sempre apelam para a experiência e o experimento. Eles dizem, com efeito: “Fizemos certos experimentos e descobrimos uma certa relação constante a existir entre drogas e doenças. Disso estamos tão confiantes que não podemos admitir uma opinião adversa não fundamentada em experimentos igualmente metuculosos.

Mas entre nós encontramos divergências consideráveis quanto à melhor dosagem para casos individuais. A maioria de nós encontrou drogas ativas em quantidades mínimas ou infinitesimais, mas ainda não podemos estabelecer nenhuma lei de dosagem comparável à lei de seleção do remédio.

Suspeitamos que, assim como há um remédio ótimo para qualquer caso dado, também há uma dosagem ótima. Nossos experimentos universalmente nos levam a dosagens muito menores do que as usuais com médicos não homeopatas, mas a faixa exata disso deve, pensamos, ser uma questão de experiência e experimento individual.” Isso pelo menos resumiria bastante a posição atual entre os homeopatas com relação à questão da dose. É inteiramente secundário à escolha do remédio, e é essa escolha e não a quantidade da droga realmente administrada que marca um tratamento como homeopático.

Em 1810 apareceu a primeira edição da obra diante de nós, O Organon da Medicina Racional, que é aqui traduzido como está, com a omissão apenas de notas que têm um interesse puramente técnico. Exatamente vinte anos de experimentos árduos e observação atenta se passaram desde que o primeiro vislumbre de uma possível lei brilhou na mente de Hahnemann.

Certo ou errado, pelo menos ele não pode ser justamente acusado de pressa ou escassa consideração.” **Tudo o que ele podia fazer cientificamente para testar seu caso, ele fez, e ele fala corretamente agora com confiança e algum desprezo de qualquer um que deveria (e realmente fez) condenar suas conclusões sem qualquer investigação sobre as bases experimentais nas quais suas conclusões repousam.**

Embora a primeira edição tenha sido lançada lentamente, cinco edições no total foram publicadas durante a vida de Hahnemann, e o trabalho se tornou e continua sendo a principal pedra fundamental da Homeopatia. Hahnemann nunca deixou de observar e testar, e as edições posteriores do Organon contêm uma boa quantidade de matéria adicional incorporando sua experiência posterior, mas nada que entre em conflito com os princípios essenciais estabelecidos na primeira edição.

Especialmente ele veio a desenvolver visões sobre a origem das doenças crônicas e o melhor método de tratá-las homeopaticamente, que modificam alguns dos parágrafos aqui estabelecidos e adicionam uma boa quantidade de material novo. Não abordaremos aqui essas novas visões, e considerações.

Esta tradução da primeira edição do Organon é apresentado nesta publicação como uma obra de profundo interesse e valor histórico, não como uma polêmica em favor de uma causa.

Embora chegue o dia em que as visões de Hahnemann sejam provadas errôneas (e esse dia ainda não chegou), o Organon ainda manteria um interesse histórico e pessoal que torna desnecessário prefaciá-lo com qualquer argumento controverso completo.

Será suficiente dizer sobre as visões de Hahnemann sobre doenças crônicas que, embora suas teorias não tenham de forma alguma encontrado aceitação universal entre seus seguidores, a prática que ele fundou nelas provou ser de valor real, e aqueles que aceitaram a base teórica e construíram sua prática sobre ela definitivamente são geralmente aqueles que provaram ser mais bem-sucedidos em lidar com doenças crônicas.

Nesta primeira edição do Organon, a insistência é colocada apenas na lei de tratar semelhantes com semelhantes. Essa é agora, como então, a lei central da Homeopatia, à qual a pequena dosagem de remédios e as teorias de doenças crônicas são acessórios, mas não essenciais. Hahnemann morreu em 1843, em idade avançada com 88 anos, tendo conquistado o respeito e a honra entusiasmados de um grande número

de leigos e o ódio e o desprezo não menos sinceros da maioria daqueles que tinham a sua profissão.

A homeopatia nunca foi a fé de mais do que uma pequena minoria de médicos, mas se espalhou por todo o mundo e pode contar seus adeptos e seus hospitais e dispensários em todos os lugares. Na Europa, na medida em que a proibição da medicina oficial foi publicada contra ela, e seus seguidores foram negados de qualquer chance de ocupar cargos de ensino ou posições influentes de oposição, ela teve que lutar contra grandes adversidades e abrir caminho nas garas de um menos poderoso porque fundada principalmente na ignorância e no preconceito.

Ainda assim, ela se manteve e ganhou terreno. Os governos se recusaram a se juntar ao ataque profis-

sional contra ela, e embora na Europa não haja escolas homeopáticas, e embora cada convertido tenha que ser conquistado das fileiras daqueles que foram oficialmente ensinados a considerá-la uma loucura ou charlatanismo, ainda assim ela faz seus convertidos.

A minoria a mantém porque testou suas alegações e as considerou válidas. A maioria a condena porque (em quase todos os casos) tem pouco ou nenhum conhecimento até mesmo de seus objetivos, e ainda menos experiência de sua tradição prática, ela teve um campo mais justo, e embora mesmo lá a fé de uma minoria, ela ainda assim conta com seus doutores aos milhares e possui suas próprias escolas e faculdades.

London, 1913